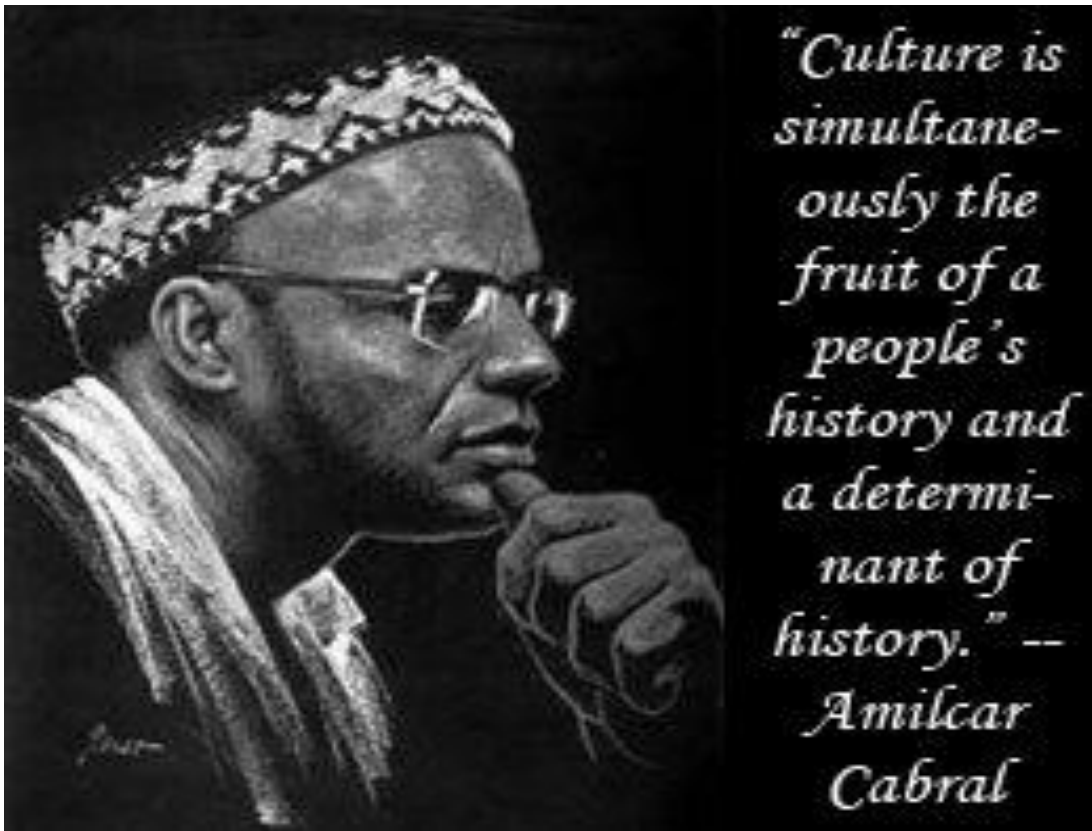


TEMA

AMÍLCAR CABRAL E O GOSTO PELA LITERATURA

CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAS, LITERATURAS E CULTURAS:
ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES



Orientadora: Dr.^a Ondina Ferreira
Discente: M^a Filomena Furtado Sanches

Praia, 31 de Maio de 2010

O JÚRI

_____, aos _____ 2010.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho com muito amor e carinho aos meus pais (Djonsa e Bebé), irmãs (Dilma e Celina) e ao meu irmão Filomeno (Jó) que mesmo estando longe me encorajava dizendo: «minha irmã vais conseguir!», sem eles não o teria conseguido. Eles estiveram sempre prontos para me ajudar.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar aqui expressa os meus sinceros agradecimentos à minha família que me serviu de suporte durante todos esses anos de formação na cidade da Praia. No mesmo sentido e de forma particular esses meus agradecimentos vão também para a minha orientadora, e professora Ondina Ferreira, pelo contributo incondicional para que esse trabalho se efectivasse, e na qualidade de orientadora pela forma simpática, digna, competente e motivadora que demonstrou no decorrer de elaboração deste trabalho.

Estes agradecimentos são também extensivos a todos os professores do Departamento de ECVP, especialmente os que partilharam connosco os seus conhecimentos durante todo o período de formação, particularmente a Dr. Armanda Brito, a Dr. Fátima Fernandes, o Dr. Daniel Medina, a Dr. Salomé Miranda, entre outros, pela motivação, coragem e brilhante desempenho tidos na transmissão dos conhecimentos.

Um especial agradecimento vai também a todos os meus amigos com que compartilhei a mesma casa durante o meu percurso estudantil aqui na Praia. Passámos bons e maus momentos juntos em especial com a Adelaide de Pina (Zuleica). Não deixarei de mencionar também o meu tio Adriano pela ajuda incondicional durante a minha formação.

Não menos importante, serão os meus agradecimentos a todos os colegas e amigos do curso, pela união, companheirismo, inter ajudas, espírito de camaradagem que manifestaram, não só nos momentos de alegria como também nos mais difíceis.

Igualmente queria mencionar aqui os nomes de alguns colegas, com especial gratidão por termos partilhado de tudo um pouco sobretudo no Estágio pedagógico, são eles: António Miranda, Glenda Cristina, Inês Landim e Suely Monteiro.

A todos, meu reconhecimento e a minha profunda gratidão. Bem hajam!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1.1- Apresentação e justificação do tema.....	10
1.2- Objectivos da Pesquisa	11
1.3- Aspectos metodológicos.....	12
1.4- Estrutura do trabalho.....	13
I – CONTEXTUALIZAÇÃO	
2.1- Apresentação e perfil do poeta.....	15
2.2- Análise dos poemas.....	18
II – Olhar do autor sobre a poesia cabo-verdiana.....	
3.1- Definição Teórica do conceito de Intertextualidade.....	32
3.2 – Exemplificação da Poesia Claridosa em A.Cabral.....	35
III – VISÕES SOBRE O AUTOR.....	
4.1- Poemas dedicados ao Autor por outros poetas	49
	53

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....58

V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....60

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho, tem como tema «Amílcar Cabral, e o gosto pela Literatura» e decorre do cumprimento de um requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses iniciado no Instituto Superior da Educação e culminado na actual Universidade de Cabo Verde. O objectivo do conteúdo do trabalho é descrever e analisar Amílcar Cabral, e a sua vertente poética / literária.

Em seguida, passo a expor as razões que estiveram na origem da escolha do tema: Com efeito, Amílcar Cabral é muito mais conhecido, diria que quase universalmente como um dos mais bem sucedido líderes, das lutas africanas para a independência da dominação colonial, do que como homem de letras. Acresça-se a este facto que o seu labor poético, se calhar por ter surgido em tempo de poetas considerados maiores das ilhas é ainda pouco conhecido e analisado.

Segundo Gerald Moser *«a inclinação poética de Cabral não é muito conhecida, o desconhecimento da sua poesia pode ser problematizada de duas maneiras»:*

- *«Praticamente nenhum dos seus versos foi publicado em antologias poéticas»*
- *«E o pouco que apareceu foi em jornais de pequena circulação. Para mais, os poemas pertencem ao período inicial da vida de Cabral, com poucas excepções, antecedendo a sua carreira pública em 10 anos ou mais».*

«Um dos mais diligentes pesquisadores de literatura em Portugal, Pedro da Silveira descobriu um dos poemas de Amílcar Cabral “Ilha”, numa edição de 1946 do Observador jornal do mesmo nome publicado em Ponta Delgada capital dos Açores. Silveira reeditou o poema na revista lisboeta “Seara Nova” em Dezembro de 1974, acrescentando uma nota a apontar que os versos, datados da Praia, capital das ilhas de Cabo Verde, mostravam a influência de Jorge Barbosa no tema e estilo, embora não alcançassem o nível deste grande poeta cabo -verdiano».

«Precisa-se ter em mente que escrever poesia era unicamente uma distração para ele».

Outros redescobriram o poema cabo-verdiano de Cabral “Regresso”, no mensário “Cabo Verde” onde foi publicado em 1949».

«Outros poemas foram encontradas por Luís Romano, também escritor, ficcionista, e poeta e um ardente patriota que regressou as ilhas, do exílio logo que elas se tornaram independentes, quando Romano passou por Lisboa, compilando material para uma

antologia da poesia cabo-verdiana, deparou com os primeiros sete poemas reproduzidos na segunda parte deste artigo».

«Embora Cabral passasse a maior parte dos seus últimos anos de vida na Guiné-Bissau e estivesse identificado com aquele país, onde nasceu, ele deve ser considerado um cabo-verdiano por descendência e formação. A sua poesia reflecte a cultura das ilhas de Cabo Verde, tanto no conteúdo como na forma»¹.

Comungamos das palavras do crítico e estudioso da Literatura cabo-verdiana, o americano G. Moser neste particular.

Daí que a nossa pretensão é fazer uma breve incursão sobre esse lado literário e particularmente poético de A. Cabral.

¹ Gerald, Moser, ensaia, Amílcar Cabral, Poeta, Lisboa 1975

1.1 - APRESENTAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO DA ESCOLHA DO TEMA

Escolhemos o tema, «Amílcar Cabral e o gosto pela Literatura» logo que nos foi proposto pela primeira orientadora (Dr.^a Arminda Brito) que por motivos pessoais não pôde continuar a orientação deste trabalho.

Na nossa opinião o tema é muito relevante na medida, em que nos permite por um lado, ganhar mais conhecimentos e aprofundar os nossos estudos. Por outro lado, acercarmo-nos de um autor que não deixa de ser curioso ter «veia poética» dado que se trata de um homem de acção guerreira comandante da guerrilha na Guiné durante quase uma década. Estratega da independência da Guiné e Cabo Verde mas que soube dar lugar a uma voz poética que trazia consigo desde os tempos de jovem estudante.

É indubitável que estamos perante um tema que requer atenção pelo seu interesse e interpela-nos para um estudo mais aprofundado.

Foi nesta base que seleccionámos um conjunto de poemas possivelmente os mais conhecidos de Amílcar Cabral com a finalidade de os analisar, descobrir os motivos que estiveram na génese da sua criação, fazer uma abordagem comparativa com os poetas coevos de Amílcar Cabral tais como: Jorge Barbosa e Osvaldo Alcântara, entre outros.

O trabalho tem também a pretensão de uma homenagem ao autor pois que ele permanece no nosso pensamento como um dos cabo-verdianos mais ilustres de todos os tempos.

Esperamos e fazemos voto que este trabalho seja um pequeno contributo para que se alargue a leque de leitores da poética de Amílcar Cabral.

1.2- OBJECTIVOS DO TRABALHO

OBJECTIVO GERAL

1- Conhecer a obra poética e a vertente literária de Amílcar Cabral e o seu enquadramento na galeria dos literatos cabo-verdianos.

OBJECTIVOS ESPECIFICOS

1-Sintetizar as dimensões poéticas, lírica, combativa, protestativa e telúrica de A.Cabral;

2-Analisar os poemas mais representativos de A.Cabral;

3-Reflectir sobre a importância do autor/poeta no contexto e no conjunto dos poetas cabo-verdianos contemporâneos de A.Cabral;

4-Pesquisar as influências literárias que o poeta recebeu.

1.3-ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho, a pesquisa bibliográfica será a metodologia privilegiada. Igualmente faremos uma leitura analítica e crítica dos poemas publicados pelo autor.

- Constituirão matéria conexa ao trabalho a pesquisa e a análise documental de jornais; revistas; artigos cujo objecto é Cabral, o poeta.
- A leitura de textos e de opiniões dos biógrafos de Cabral será fundamental para a prossecução deste trabalho.
- Consultas na Internet.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho encontra-se estruturado em diferentes capítulos como se descreve abaixo:

INTRODUÇÃO – Servirá como momento introdutório desta pesquisa; apresenta o tema e dá a conhecer as razões pelas quais se escolheu o mesmo. Igualmente, abarca as perguntas de partida, as hipóteses formuladas, os objectivos que se definiram para o mesmo fim, bem como os aspectos metodológicos.

CAPITULO I – Tem no nosso entender alguma relevância, pois que apresenta o perfil do poeta. Seguidamente faz-se a análise de alguns dos seus poemas.

CAPITULO II – Apresenta o «olhar do autor» sobre a poesia cabo-verdiana e a definição teórica do conceito de intertextualidade para no fim, fazer a exemplificação da influência poesia «Claridosa» em Amílcar Cabral.

CAPITULO III – Neste capítulo pretende-se um relance das diferentes visões sobre o poeta, com a conseqüente apresentação de alguns poemas dedicados ao Autor.

IV-CONCLUSÃO – Procura-se apresentar as considerações finais decorrentes da pesquisa efectuada, tendo em consideração os aspectos apresentados no intróito do trabalho.

V – BIBLIOGRAFIA – Reúne a bibliografia que serviu para as consultas, para as leituras indicadas e adequadas como suportes do trabalho.

CAPITULO – I

- CONTEXTUALIZAÇÃO / APRESENTAÇÃO E PERFIL DO POETA;

- ANÁLISE DE ALGUNS POEMAS DO AUTOR;

I – CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1- Apresentação e Perfil do Poeta

Amílcar Lopes da Costa Cabral, nasceu em Bafatá na Guiné-Bissau, a 12 de Setembro de 1924, filho de pais cabo verdianos que ali residiram. Com sete anos, acompanhou a mãe, Iva Pinhel Évora de regresso a Cabo Verde tendo vindo o pai, Juvenal da Costa Cabral juntar-se-lhes em 1932. Fez os estudos primários na Praia e o liceu em S.Vicente.

Segundo José Luís Hopffer Almada *«Amílcar Cabral destaca-se como aluno brilhante, desportista assíduo, companheiro fiável, negro e badiazinho atreito ao desfrute da abertura intelectual e humana proporcionada pela cidade porto nortenha, assim brilhante e adoptado á face irónica e divertida da vida, o aprendiz de intelectual não vê aceite, por alegado desfasamento estético, a sua candidatura á muito restrita «Academia Cultivar», fundada e dinamizada por alguns alunos finalistas do liceu Gil Eanes (o único existente na altura em Cabo Verde) e responsável pela edição da folha cultural “Certeza”».*

Ainda segundo o mesmo crítico: *«Esse choque, não esmorece a sua veia literária e o seu gosto pelas coisas culturais. Continua escrevendo trabalhos, muito sintonizados com o telurismo e o neo-realismo dominantes entre os seus contemporâneos e colegas de geração que depois publica no jornal «Ilha», dos Açores, na revista que, ainda estudante universitário, publica o ensaio «Breves Apontamentos Sobre a Poesia Cabo-Verdiana», bem como trabalhos técnicos sobre os efeitos da erosão nos solos de Cabo Verde».*

Segundo Oswaldo Osório *«A adolescência de Cabral decorreu numa época ensombrada para Cabo verde e conturbada para o mundo, que atravessava a II Grande Guerra».*

«Com efeito, em 1940, a fome grassa nas ilhas, enfim a pobreza as mortandades e as doenças, os lares abandonados, as crianças sem pais, a emigração forçada, é neste quadro de complexa e dramática realidade socio-económica e histórica cabo-verdiana dos anos 40, que se passa a adolescência de Amílcar, e se vão formando a sua sensibilidade e personalidade, que, se por um lado, se interrogam a nível da vivência efectiva própria desta fase, por outro lado não deixa de questionar a realidade que o envolve como

*testemunham os poemas desse período».*²

*«Os primeiros escritos da Amílcar Cabral são textos literários. A sua produção inédita engloba poemas e contos»*³.

«Deve-se levar em conta como factor na emergência da poesia, as influências de leitura escolares (ele era leitor atento de Camões)».

«Antes de tudo não deixando de mencionar a influencia exercida pelo pai Juvenal Cabral na formação intelectual do filho, como literato de erudição clássica e pela sua acção cívica assumida em defesa dos interesses da colónia e desperta a receptiva inteligência do jovem Amílcar».

*«Amílcar passou a sua infância em Santiago, ilha essencialmente agrícola, Santiago apresenta-se modificada na sua paisagem e ambiente pelos efeitos devastadores da estiagem, enquanto S.vicente, demograficamente menos povoada, sem o peso e a tradição agrícola da grande irmã, escalada de navios para reabastecimento de carvão e frescos. Por isso que Amílcar na percepção do meio envolvente e na sua capacidade de transmitir o real que o informa, o que prenuncia uma atenção sobre essa mesma realidade, que, com a sedimentação da cultura e com o tempo, culminaria em profundas análises sociais e políticas»*⁴.

Segundo Oswaldo Osório *«o ano de 1942/43 é o período de emergência da poesia em Amílcar Cabral e designam por comodidade de «poemas da adolescência».*

Ainda segundo Oswaldo Osório temos *«tópicos que constituem preocupação dominante na poesia de Cabral, da qual, como já foi observado por Manuel Ferreira “dois aspectos da sua personalidade se podem enunciar: o de uma comunhão telúrica e, simultaneamente, de uma adesão colectiva ao destino do seu povo” sendo o outro aspecto “o da representação duma consciência dialéctica da vida” em poemas como “Segue o teu rumo irmão “e “Quem é que não se lembra”.*

Ainda segundo o escritor Oswaldo Osório é *«de considerar também na poesia desse período a que convencionamos chamar de adolescência, as perceptíveis influências das duas cidades em que Amílcar mais tarde viveu – S.Vicente e Praia. No naipe de poemas escritos nesta última durante as férias que vinha sempre gozar, se bem que haja poemas de*

² Oswaldo Osório, Emergência da poesia em Cabral

³ Obras escolhidas de Amílcar Cabral, a arma da teoria unidade e luta, volume I

⁴ Oswaldo Osório emergência da poesia em Amílcar Cabral, 30 poemas, 1980

amor, volta-se sempre ansioso e atento para uma problemática concreta a natureza que o sol abrasador queima (seca)», ainda «no âmago das actividades políticas e experiências novas que Cabral se forma como ideólogo, político e militante, é também a partir daí que a sua poesia se mostra verdadeiramente engajada e o substrato telúrico que a anima, assimilando outras experiências e contactos culturais, se afirma estética e ideologicamente evoluída, mas grado se adivinha que para ele, não havia lugar para o poeta faber, o poeta aficional, que o projecto político adiaria e a morte prematura não viria jamais a consentir. O numero de poemas conhecidos desta época se exceptuarmos os que ele escreveu para o “o livro de curso” é significativamente escasso, o que parece corroborar a nossa opinião de a disponibilidade poética ter sido sufocada pela preparação e actividade política escassa produção desse período, porem, atesta a evolução poética de Cabral quando comparada com a anterior, o que possibilita a leitura no tempo e no espaço, dos vários estratos da sua poesia e completa a imagem que dele como poeta se possa ter».

Por último Aristides Perreira diz que «Cabral teve um sentimento de protesto, nascido da inadequação dos valores culturais próprias ás situações de opressão e discriminação, conduziu a emergência da revolta que se afirmaria como traço distintivo da sua personalidade e factor de formação de revolucionário consequentemente em que se tornou. Ainda na juventude, estes valores e este espírito traduziram-se em formas de expressão que vão de incursões no campo da literatura á intensa actividade de divulgação cultural! É uma produção literária, quer em verso quer no domínio da ficção, a traduzir um engajamento com a realidade circundante é a preocupação do estudante de agronomia a debruçar-se na área da especialidade, sobre o fenómeno da erosão» (O perfil de Cabral e a actualidade do seu pensamento)⁵.

⁵ Continuar Cabral simpósio internacional Amílcar Cabral

De acordo com os planos e os objectivos do Trabalho, entraremos agora na parte da:

2.2- Análise de alguns poemas do autor em estudo.

Para ti, Mãe Iva

Eu deixo uma parcela
Do meu livro de curso...
P'ra ti, que foste a estrela
Da minha infância agreste,
P'ra ti, Mãe, que me deste
A tua alma viva
E o teu amor profundo
Maior que o próprio mundo!
Aceita este tributo,
Que tudo quanto eu for,
Será do teu amor
- Tua carne, Mãe, teu fruto!
Sem ti, não sou ninguém,
Só sou – porque és Mãe!

1949

A composição poética em análise, denominada «Para ti, Mãe Iva», da autoria de Amílcar Cabral, é constituída por 14 versos numa estrofe única.

Trata-se de uma composição poética que versa a temática cuja musa é a Mãe.

Com efeito trata-se de um “hino” a mãe a quem tudo deve nas palavras dele. Pois, ela esteve presente na sua vida e sobretudo na infância o que vem expresso no verso «...*eu deixo uma parcela do meu livro de curso...* «...*foste a estrela agreste, da minha infância...*» o sujeito poético não duvida do incomensurável amor maternal dizendo: «*o teu amor profundo maior que o próprio mundo...*» em troca pede à mãe que aceite este «tributo», o poema presente é a certeza de «*que tudo quanto eu for será do teu amor ...*»

Na verdade, o poema poderá parecer ao leitor hodierno, de alguma ingenuidade lírica, meio “naïf,” mas não deixa de ter algum encanto representativo de profundo amor filial.

Logo, o poema em análise é de exaltação filial, onde há expressão de um grande afecto em que o autor expressa e em que regista em tom crescente a exaltação da figura ímpar materna.

Outro poema: «*Eu lembro-me ainda dos teu tempos antigos*» pré anuncia o devir, o futuro que o poeta deseja ao seu semelhante, numa espécie de ante visão do nascimento de um homem novo e em evolução para o entendimento do mundo.

Eu lembro-me ainda dos teus tempos antigos

Dos tempos sem nome, só teus e só teus...

Em que eras um homem de poucos amigos,

Metido contigo, contigo e com Deus...

Outro homem és hoje – e outro serás,

Bem forte na luta, em prol dos humanos.

Na luta da vida – eu sei – vencerás,

Num mundo de todos, sem mal e sem donos

«*Eu lembro-me ainda dos tempos antigos*», trata-se de um poemeto constituído por duas estrofes de 4 versos cada, formado de quadra simples em toada e em ritmo de uma confissão com aspecto pessoal, intimista. Podemos ver que há um desdobramento de duas personalidades, o sujeito passado e o sujeito futuro.

Por exemplo, o sujeito passado: «...*dos tempos sem nome, só teus e só teus...metido contigo, contigo e com Deus...*» apresenta-se um homem solitário enquanto que no homem do futuro, o sujeito poético vê a sua própria evolução «... *e outro serás, ...eu sei – vencerás...*».

É visível que o sujeito poético poderá ser entendido como o «alter-ego» do poeta, creio que o poeta vaticina o seu futuro e refere-se a ele próprio num devir que almeja próximo. O homem do futuro. Ele não esta sozinho mas está em «prol dos humanos», isto é, ao serviço do próximo, do outro.

A seguir, analisaremos um outro poema, este com um conteúdo de natureza mais discursiva, mais filosófica que o próprio título induz: «*Evolução conceptual e Real*»

EVOLUÇÃO CONCEPTUAL E REAL

Um conceito anterior: um caracol
Nos mistérios de um invólucro de egoísmo.
A vida só valia à luz do sol,
De um sol falho de Amor – do comodismo.

Conceito mais actual: uma alma aberta á vida,
Na conquista da vida, rasando o seu destino.
Na estrada a percorrer, na estrada percorrida.
O amor é o justo guia, o amor é um constante hino.

Nas palavras de Gerard Moser o poema «*Evolução conceptual e real*», *pode ter sido escrito entre 1949 e 52, quando Cabral se encontrava em contacto intimo com estudantes das outras partes da África e elaborando programas para o centro d"estudos Africanos que se tornou realidade em 1951*».

Neste poema podemos assistir a um jogo dual entre o passado e o futuro. Enquanto que no passado o homem estava “escondido na sua concha” como fazem os caracóis ou em estado de «larva», bem elucidativas em versos como por exemplo: «*um conceito anterior: um caracol...a vida só valia á luz do sol*», e o futuro, onde o homem sai da concha para viver a vida «*...uma alma aberta a vida ...*» em que ainda é visível entre o homem (*caracol*) e o senhor do seu próprio destino a existência de uma imensa estrada a percorrer na construção do futuro «*traçando o seu destino...na estrada a percorrer...*»

Para além disso, o poeta compara e aproxima o homem (anterior) do animal «*um caracol*», para um estágio posterior, descrito na segunda estrofe ganhar «*uma alma aberta à vida*», isto é, humanizando-o e libertando-o da condição puramente “animal” para a de racional e auto-determinado.

O poema que a seguir se transcreve contém nos seus versos uma comovida despedida do seu meio académico, onde passou alguns dos bons anos da vida estudantil, Cabral homenageia figurativamente essa mesma vida de estudos e de fraterno convívio, prefigurando-a no local a Tapada de Ajuda em Lisboa, onde se localizava o Instituto Superior de Agronomia, instituição académica que o albergou.

O ADEUS À TAPADA

Adeus, Tapada:

Na hora triste deste despedida

Erguem-se os braços da «malta» camarada

E em gestos saudosos, a alma dolorida,

Dizem-te «adeus» ...

Tu foste, amiga, o ambiente delicioso

Onde brotou a flor dos nossos sonhos...

E à sombra doce do teu jardim frondoso

Conosco sentiste

As horas mais tristes

E as horas alegres dos dias risonhos.

Adeus Tapada:

Partimos p'ra vida

Levando p'ra luta as armas que deste

As armas forjadas no teu Instituto.

Queremos na lida,

Queremos provar que nada perdeste

- que valeu a pena

Nós sermos teu fruto

Adeus Tapada:

Do ambiente discreto do teu miradouro

Contempla a partida destes filhos teus...

...e ouve, angustiada, a voz grito, o coro

Da «malta engenheira» que te diz «adeus» ...

E sofre connosco a saudade perversa,

Sofre em segredo:

- Que as folhas caídas do teu arvoredado

São lágrimas vivas que o vento dispersa!

ADEUS TAPADA!

De novo, citando Gérard Moser: «Este poema «O Adeus à Tapada», pode ser referenciado para 1950, quanto Cabral se formou no Instituto de Agronomia», não devemos esquecer que ele estudou numa grande quinta cercada conhecida por «Tapada da Ajuda».

O poema reflecte a saudade do estudante e exprime uma certa tristeza pelo facto dele e dos seus companheiros de Curso (o poeta funciona aqui como uma espécie de «porta-voz») irem em breve deixar a Tapada. Tinham já terminado o curso de Agronomia, logo iriam deixar a Tapada, lugar onde eles estudaram, conviveram e aprenderam muito. Encontram-se de braços levantados a pronunciarem palavras de afecto ao local e a fazerem gestos saudosos para esse lugar. Ou seja, estão a despedir-se da Tapada «*Adeus Tapada ... a malta camarada ... dizem-te adeus*».

Ele utiliza, num dos versos da despedida, o termo «*luta*» que poderá significar vida «*as armas que deste*» serão os conhecimentos adquiridos na Tapada.

Na mesma linha, queria provar que valeu a pena ser «*fruto da Tapada*», ou seja, que valeu a pena ter estudado ali e que iriam dar provas disso mesmo. «*...queremos provar que nada perdeste....que valeu a pena nós sermos teu fruto...*»

Ele é tributário do Instituto. Chama a Tapada para contemplar a saída dos filhos, «*...e sofre connosco a saudade...*». O lugar onde todos passaram bons e maus momentos «*...as horas mais tristes e as horas dos dias risonhos...*».

Podemos dizer que o poeta personifica a Tapada dando-lhe características e atributos humanos ao afirmar que «*tu foste amiga... as armas que deste, e sofre connosco a*

saudade, sofre em segredo», ou seja, estamos perante uma construção poética onde se utilizou a antropomorfização, isto é, a figura de estilo conhecido por personificação ou prosopopeia.

Com efeito, o poeta dialoga com a Tapada como se tratassem de um ser animado. O sujeito poeta diz-nos que ao saírem da Tapada cada um seguiria a sua vida «*que as folhas caídas do teu arvoredor, são lágrimas que o vento dispersa*» ainda “*folhas caídas*” simboliza os filhos da Tapada e “*lágrimas caídas que o vento dispersa*” sugere que saindo de lá cada um iria à sua vida.

Passemos agora a um outro poema em que o poeta exorta a poesia a assumir um tipo de responsabilidade perante o sujeito poético.

...NÃO, POESIA

...não poesia:

Não te escondas nas grutas do meu ser,

Não fujas à vida.

Quebra as grades invisíveis da minha prisão,

Abre de par em par as portas do meu ser

- e sai...

Sai para a luta (a vida é luta),

Os homens lá fora chamam por ti,

E tu, poesia, és também um homem.

Ama a poesia de todo o mundo,

-Ama os homens

Solta os teus poemas para todas as raças,

Para todas as coisas.

Confunde o teu corpo com todos os corpos do mundo,

Confunde-te comigo...

Vai, poesia:

dá-me os teus braços para que abrace a vida.

A minha poesia sou eu.

1946

Esta composição poética em análise, denominada «...*Não poesia*», «*foi escrito no ano (1946), quando Cabral iniciou seus estudos agronómicos*» de acordo com Gerard Moser.

No poema, o poeta exprime um desejo apaixonado para a acção, sob forma revolucionária de libertação internacional «quebra as grades invisíveis da minha prisão,

abre de par em par as portas do meu ser...».

O poeta parte do «*eu*» singular, parcial, particular, para «*os homens*» plural, o todo, universal, numa gradação ascendente e aumentativa.

Por outro lado, o sujeito poético com estes versos identifica o seu ser quando afirma: «*a minha poesia sou eu*».

Mas não se fica no «*eu*», estende-se ao amor da poesia universal e ao amor da humanidade com os versos: «*os homens lá fora chamam por ti*».

Quando chama a poesia sua aliada ele diz: «*quebra as grades invisíveis da minha prisão*», e pede-lhe que o leve com ela de modo a entrar na luta, para assim obedecer à chamada da humanidade, do mundo exterior. Deste modo o poeta revela o seu lado lutador e humanitário.

Eis um poema que prefigura a vida futura, exalta a “negritude” na figura feminina e bela da «Rosa». O poeta tem destinatários para este poema, a juventude e a esperança que ela representa como futuro afirmativo e de melhores condições.

ROSA

Chamam-te Rosa, minha preta formosa
E na tua negrura
Teus dentes se mostram sorrindo
Teu corpo baloiça, caminhas dançando,
Minha preta formosa, lasciva e ridente
Vais cheia de vida, vais cheia d’esperança,
Em teu corpo correndo a seiva da vida,
Tuas carnes gritando
E Teus lábios sorrindo...

Mas temo a tua sorte na vida que vives,
Na vida que temos...
Amanhã terás filhos, minha preta formosa
E varizes nas pernas e dores no corpo;
Minha preta formosa, já não serás rosa,
Serás uma negra sem vida e sofrente,
Serás uma negra e eu temo a tua sorte.

Minha preta formosa
Não temo a tua sorte.
Que a vida que vivemos não tarde a findar...
Minha preta formosa amanhã terás filhos,
Mas também...
...amanha terás vida!

Esta composição poética denominada, «Rosa» foi descoberta por, *Alfredo Margarido* num dos números, anterior a *Mensagem*, foi publicado em Janeiro de 1949, e foi

reeditado por ele em 1976» segundo a informação dada por Gerald Moser.

É possível discernir neste poema três momentos distintos, ainda que intimamente interligados.

A primeira parte corresponde ao momento que o sujeito de enunciação exalta a beleza exuberante, cheia de vitalidades e de esperanças da jovem/mulher: *”chamam-te Rosa, minha preta formosa. E na tua negrura...vais cheia de vida...desperanças...”*

«Rosa» simboliza a força da juventude, da beleza e da esperança no futuro. A figura feminina que domina toda a composição é no primeiro momento apresentada algumas características físicas e psicológicas, embora a sua descrição assumia traços muito vagos. É uma jovem bonita cheia de esperança que se vai degradar-se pouco a pouco.

Na segunda parte que vai dos versos 10 a 16, o «eu» lírico teme e prevê a triste decrepitude da velhice física, moral, espiritual e material que espera por Rosa, quando ela se tornar uma *“negra, sem vida e sofrente”*.

Na terceira parte ou nas linhas finais, o sujeito de enunciação como que acende uma luz para «Rosa» e apaga essa visão sombria, prevendo um novo começo para Rosa ao afirmar: *«minha preta formosa amanhã terás filhos, mas também...amanhã terás vida!»*, se houver uma transfiguração, uma alteração profunda das condições de vida de *«Rosa a preta formosa»* poderá acontecer alguma duração na beleza e nas esperanças de «Rosa».

Torna-se interessante notar a polisemântica sugerida com o nome: *«Rosa» no poema*.

Igualmente se vislumbra no poema, algum orgulho e esperança na chamada negritude por parte do poeta.

Para fechar a selecção feita dos poemas do autor, segue-se «*Eu sou tudo e sou nada*» que revela um certo questionamento do poeta consigo próprio na busca do seu posicionamento na vida.

“EU SOU TUDO E SOU NADA...”

Eu sou tudo e sou nada,
Mas busco-me incessantemente
- não me encontro!

Oh farrapos de nuvens, passarões não a lado.
Levai-me convosco!
Já não quero esta vida,
Quero ir nos espaços
Para onde não sei.

A composição poética em análise, denominada «*Eu sou tudo e sou nada*» da autoria do mesmo autor «*foi escrito no ano de 1944, é considerado o poema mais antigo do poeta, no livro de Curso de Agronomia*» nas palavras de Moser.

É constituído por sete versos agrupados em duas estrofes.

Trata-se de uma composição poética que versa a temática da busca do «eu» intimista, esta busca é feita pelo sujeito de enunciação através de termos contraditórios «*eu sou tudo e sou nada*»

«*A imaginística da poesia de Cabral esta geralmente confinada a lugares comuns que é de se esperar de um amador: “fruto” no poema (para ti, mãe Iva) o contraste entre “tempestades “ e” brisas”no poema (segue o teu rumo irmão) para caracterizar a diferença entre tempos maus e dias felizes, no poema (O adeus á tapada) o uso do termo “luta” para significar vida*».

«*Ainda podemos notar o uso de temas locais cabo-verdianos: no poema (regresso) a alegria que desperta quando a chuva finalmente chega, ajustando a ideia do regresso de um filho á casa da sua avó. Podemos notar algumas evocações como por exemplo “chuvas amigas” que quebram muitos anos de seca, podemos notar que ele não utilizou muitas expressões regionais excepto duas trazidas pela situação no poema «regresso» onde o*

poeta se dirigia a uma velha mulher sempre em crioulo. Elas são «mamãe-velha» que em português é avó, e «falou mantenha» que significa em português dar cumprimentos. Temos algumas metáforas que consideramos bonitas e originais no poema (segue o teu rumo irmão) «montes que sangram contrastadas com planícies sem fim ou vastas planícies ainda no mesmo poema a imagem de um piloto dirigindo o seu navio sobre o oceano numa viagem de conquistas, a simbolizar o homem, uma vez que o poeta decidiu que rumo dar á vida. De tudo o que já foi dito o mais surpreendente é que entre os aspectos formais é o facto nesses poemas apresentados na maioria dirigem-se a uma simples pessoa ou personificação, tudo isso reflecte o anseio do poeta de entrar em diálogo, para encorajar os outros também, está relacionado com este desejo, enquanto insistem na mudança de um isolamento para o social»⁶.

Voltando ao conteúdo do poema, o poeta mostra uma sensibilidade questionadora do «eu» ao meio envolvente *«e no registo de uma procura busca de si mesmo, que passa pela resolução dialéctica das contradições que enredam o poeta «...busco-me incessantemente e não me encontro...»*⁷ ainda podemos notar que o sujeito poeta leva uma vida que não quer para si, por isso quer desaparecer para onde, nem ele mesmo sabe! *«...já não quero esta vida...para onde não sei».*

A composição poética em análise, pode ser considerada um poemeto em que o autor procura o seu «eu» interior psíquico em tom de prece prefigurada e dirigida às «nuvens» que simbolizam a Natureza que ainda o não atendeu. Apercebe-se o leitor, que o sujeito poético almeja e deseja uma mudança, diria que radical na sua vida. Atentemo-nos nos versos: *«...Quero ir nos espaços / para onde não sei».* O que perpassa fundamentalmente em todo o corpo do poema é uma espécie de inquietação existencial e uma angústia expressa pelo poeta na procura do seu «eu».

⁶ Gerald, Moser «Amílcar Cabral, Poeta» Raízes, nº17/20 Janeiro a Dezembro 1981 ano 5

⁷ Gerard, Moser, Amílcar Cabral, Poeta

CAPITULO – II

Dando seguimento ao nosso trabalho, ao seu plano e aos seus objectivos, entraremos agora um pouco naquilo que julgamos ser a escola poética seguida por A.Cabral.

Na nossa abordagem julgamos que a intertextualidade poética de Cabral foi «bebida» algumas vezes nos poetas da Claridade com destaque para Jorge Barbosa e também de Osvaldo Alcântara.

Dai, a nossa pretensão de fazer algum exercício em que haja de algum modo a exemplificação da hipótese colocada.

Para isto, seguem:

- 1- Artigo de Amílcar Cabral «Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana»**
- 2- Uma definição teórica do conceito de: Intertextualidade**
- 3- Análise comparativa dos poemas de Jorge Barbosa e Amílcar Cabral**

II – Olhar do autor sobre a poesia cabo-verdiana

Era Amílcar Cabral em 1952, um jovem agrónomo e colaborador do «Boletim Cabo Verde» escreve para este periódico um ensaio «Apontamentos sobre poesia cabo-verdiana» em que compara o antigo e o moderno dessa mesma literatura em que, Claridade é para ele a corrente literária que melhor se sintonizou com o Homem cabo-verdiano.

Visto da sua óptica a poesia anterior à Claridade, ou seja, a primeira fase poética, Cabral afirma que a poesia que se escrevia em Cabo Verde caracterizava-se por um despreendimento quase total do ambiente, sublimando-se numa expressão poética que nada tinha em comum com a terra e o povo do arquipélago.

Para Cabral, possuidores de uma cultura clássica, adquirida principalmente no Seminário de S. Nicolau, os poetas da geração em referência «*esqueceram-se da terra e do povo*». De olhos fixos nos clássicos europeus, os escritores produziam uma poesia em que o amor sofrimento pessoal, a exaltação patriótica e o saudosismo eram traços comuns.

Em raras exceções, como nas composições de P. Cardoso, ao traduzir, do crioulo, quadras populares do Fogo, encontrava-se algo do que, mais tarde, se tornaria realidade nos poetas da nova geração: uma comunhão íntima entre o poeta e o seu mundo.

Porém, era ainda a influência da cultura clássica que caracterizava o aspecto formal da poesia em referência: o respeito sagrado à métrica e a submissão à rima. Essa submissão ao modelo de escrita europeu devia-se à condição económica em que vivia a elite cabo-verdiana, alheia à realidade do país.

Segundo Cabral (1976, p. 27), para essa elite, a terra e o povo estavam distantes: “*Esta, nas letras da Morna, canta os seus sofrimentos e amores, enquanto os poetas compõem sonetos perfeitos para exaltar um sentimento qualquer (...), as belezas da Grécia ou uma data célebre da História*”.

Entre 1920 e 1935 já existia uma elite muito consciente dos problemas que afectavam as ilhas. Essa elite concentrava-se em São Nicolau, Santo Antão e São Vicente, e muitos eram comerciantes, professores, estudantes e jornalistas que estavam em contacto com as correntes e os movimentos literários de Portugal, como o modernismo e o neo-realismo. Mas foi sobretudo o modernismo brasileiro que influenciou essa geração de escritores, que começava a tomar uma consciência cada vez mais nítida da realidade das

ilhas. A atenção era focada cada vez mais na terra, no ambiente socioeconómico e no povo das ilhas.

«Os poetas dessa fase eram homens comuns que caminhavam de mãos dadas com o povo e tinham os pés fincados na terra. Cabo Verde passou a ser o espaço e o ambiente onde as árvores morrem de sede, os homens de fome, e a esperança nunca morre. O mar passou a ser a estrada da libertação e da saudade, e o marulhar das vagas, a tentação constante, a lembrança permanente do desespero de querer partir e de ter de ficar. A terra, a terra mártir, tornou-se a Mamã que alimenta os filhos; que não morreu, mas jaz adormecida numa migalha de terra no meio do mar. A voz do poeta, agora, é a voz da própria terra, do próprio povo, da própria realidade cabo-verdiana» de acordo com Cabral.

Referindo-se ainda a poesia claridosa Cabral afirma: *«a poesia é necessariamente um produto do meio em que tem expressão, isto quer dizer que por maior que seja a influência do próprio indivíduo sobre a obra que produz, essa é sempre, em última análise, um produto do complexo social em que foi gerada»*.

Na mesma linha afirma ainda que: *«com a claridade a poesia cabo-verdiana abre os olhos, descobre-se a si própria, a claridade surge dando forma as coisas reais, apontando o mar, as rochas escavadas, o povo a debater-se nas crises, a luta do cabo verdiano, enfim, a terra e o povo de cabo verde»*.

«Cabo verde não é o sonhado jardim hesperitano, mas, sim o “arquipélago” e o “ambiente” onde as árvores morrem de sede, os homens de fome, e a esperança nunca morre, o mar já não tem sereias, nem às ondas beijam a praia. O mar é a estrada da libertação e de saudade, e o marulhar das vagas é a tentação constante a lembrança permanente do “desespero de querer partir e ter de ficar”, a terra mártir” é a mamã que “alimenta” os filhos “com a ternura das suas entranhas “; que não morreu mas jaz adormecidas».

Acrescenta salientando que *«a poesia cabo -verdiana, como qualquer outra, só poderá ser compreendida, se considerada em relação ao ambiente material e humano, vivido pelo poeta»⁸*.

Deste modo diz-nos que *«o cunho da cultura clássica, desligada do meio, que caracterizava a formação ideológica dos poetas anteriores à Claridade»*.

Na mesma linha afirma que «*E ainda a influência da cultura clássica que caracterizava o aspecto formal da poesia em referência: o respeito sagrado à métrica, a conflagrada submissão às algemas da rima*».

Ainda na mesma direcção diz-nos que «*a poesia de Cabo Verde só poderia ter personalidade, possuir um real valor, se, sem intenção premeditada, fosse “os olhos e a boca” do Arquipélago das secas*».

Para nas linhas finais dizer «*Mas a evolução da poesia cabo verdiana não pode parar. Ela tem de transcender a “resignação” e a “esperança”. A “insularidade total” e as secas, não bastam para justificar uma estagnação perene. As mensagens de Claridade e da Certeza têm de ser transcendidas sonho de evasão, o desejo de “querer partir”, não pode eternizar-se. O sonho tem de ser outro, e aos poetas, os que continuam de mãos dadas com o povo, de pés fincados na terra e participando no drama comum, compete canta-lo. O cabo-verdiano de olhos bem abertos, compreenderá o seu próprio sonho, descobrirá a sua própria voz, na mensagem dos poetas*»⁹.

Por todas estas afirmações, chega-nos a convicção de que realmente para A. Cabral só com a Claridade a poesia reflectiu a real vivência do cabo-verdiano. É evidente é notório também a admiração que A. Cabral tem pelos claridosos, por isso, não é de estranhar que ele tenha «incorporado» ou adoptado como referência, a obra dos «claridosos» principalmente, a poesia de Jorge Barbosa e a de Osvaldo Alcântara.

⁸ Apontamentos sobre poesia cabo-verdiana, apareceu pela primeira vez em Boletim propaganda de informação.

⁹ B.O. Apontamentos sobre POESIA CABOVERDIANA, JANEIRO, 1952 Ano: III

3.1- Definição de Intertextualidade

Quisemos aqui trazer o entendimento de intertextualidade neste capítulo, porque é nossa opinião que os escritores, os poetas dialogam e interagem através da influência da aproximação dos textos de uns e de outros e de uns sobre os outros, salvaguardando a criatividade e originalidade de cada um.

Assim, Amílcar Cabral vai «beber» a Jorge Barbosa e possivelmente a Osvaldo Alcântara, algumas das suas muitas inquietações poéticas em termos de temas e modos de os compor em forma de poesia.

O conceito de intertextualidade tem-se revelado, nas últimas duas a três décadas, um dos conceitos de circulação mais vasta, mas também um dos que mais equívocos e disfunções têm gerado. Esclareça-se antes de mais, que a descrição do conceito de intertextualidade se processou a partir da reflexão empreendida por Júlia Kristeva sobre as reflexões e proposições da obra de Mikhail Bakhtin, apresentados em *La Poétique de Dostoievski*, reflexão que deve ser encarada como o suporte teórico que valida a seguinte afirmação «*todo o texto constrói-se como mosaico de citações, todo o texto é absorção e transformação de um outro texto*»¹⁰.

«*Acrésceta ainda que a intertextualidade é fazer caber vários textos num só, sem que se destruam mutuamente e sem que o intertexto se despedaça como totalidade estruturada*», M. Bakhtin foi um dos primeiros formalistas russos que procuraram substituir a segmentação estática dos textos por um modelo segundo o qual estrutura literária se elabora a partir de uma relação com outra. (*in*: Kristeva, Júlia, 1960,p.22).

O problema da intertextualidade é fazer caber vários textos num só, sem que se destruam mutuamente e sem que o intertexto se despedaça como totalidade.

A perspectiva Bakhtiniana do discurso permite conceber o texto literário ou não, como «*cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de vários escritos: do escritor, do destinatário, do contexto cultural ou anterior*»¹¹.

Para Laurent Jenny (1979:23-24), a intertextualidade «*não é uma adição confusa e misteriosa de influências mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos*

¹⁰ Carlos Reis, O Conhecimento Da Literatura, Introdução Aos Estudos Literários 2ª Edição Outubro, 2001.

¹¹ Kristeva, Júlia, 1960,p.122

operando por um texto centralizador que mantém o comando do sentido».

Dessa definição destacam-se três pontos essenciais

- O reconhecimento da presença de outros textos em toda e qualquer obra literária
- O trabalho de modificação que os textos estranhos sofrem ao serem assimilados.
- O sentido unificador que deve ter o intertexto, entendido como texto absorvido uma multiplicidade de textos, mas ficando unificado por um sentido.

Assim três elementos entram em jogo:

- O intertexto (novo texto)
- O enunciado estranho que foi incorporado
- O texto de onde este último foi extraído

Segundo Carlos Reis, *«o conceito de intertextualidade estabelece a partir de uma concepção dinâmica do texto, seja literário ou não literário, funcionando como espaço de diálogo, troca de interpretações constante de uns textos noutros decorrem remotamente dos conceitos Bakhtiniano de dialogismo e pluridiscursividade. Processou-se a partir da reflexão empreendida por Júlia Kristeva sobre a obra de Mikhail Bakhtin»*¹².

Na literatura a *«intertextualidade é uma constante, porque cada estilo de época se opõe ao anterior e retoma parte da estética passada»*. A análise literária moderna sugere o termo *«intertextualidade como conceito operatório. Cada obra nova é uma continuação por consentimento ou contestação, das obras, géneros e temas anteriores»*¹³.

*«A poesia de cada um se faz também com a poesia dos outros no permanente confronto da criação»*¹⁴

A intertextualidade também é definida *«como diálogo entre dois ou mais textos»*, isto é, a presença efectiva de um texto em outro.

A partir de Kristeva o «texto» passa a ser entendido como o evento situado na história e na sociedade, que não apenas reflecte uma situação, mas a própria situação, apagando linhas divisórias entre diferentes superfícies textuais *«pelo seu modo de escrever,*

¹² Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina M. Dicionário de Narratologia, Livraria Almedina, Coimbra, 1998

¹³ [Htt://www.ucm.es/info/especulo/numero28/inteetxe.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero28/inteetxe.html)

¹⁴ Oliveira, Carlos, O aprendiz de feiticeiro, 1971

lendo o corpus literário anterior ou sincrónico o autor vive na história da sociedade se escreve no texto»¹⁵

Todas estas afirmações acarretam a consideração de que a intertextualidade é um fenómeno que se encontra na base do próprio texto literário ou ainda, que a intertextualidade é tudo o que põe um texto em relação com outro, em termos de citações, alusões, e referências.

¹⁵ Kristeva, Júlia: Introdução á Semanálise.Trad.Lucia Helena França Ferra.São Paulo: Perspectiva, 1974.P.98

3.2- Exemplificação da Intertextualidade «Claridosa» em A.Cabral

Quando se lê a poesia de Cabral, presencia-se o grande magistério que exerceram sobre ele alguns poetas do Movimento «Claridade». De entre eles sobressaem Jorge Barbosa, Osvaldo Alcântara e Manuel Lopes.

Trata-se na realidade de uma fonte, a intertextualidade que influencia o modo de fazer poesia de Amílcar Cabral.

Não é por acaso que no seu texto de análise da literatura «*Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana*». O autor expressa de uma forma inequívoca, a sua grande admiração por esses homens que trilharam a profunda poesia telúrica crioula.

Tanta assim que no poema «*Regresso*» de Amílcar Cabral remete para alguma intertextualidade para «*Depois Da Chuva*» de Jorge Barbosa

A composição poética destes dois poemas remete-nos para a intertextualidade na medida em que ao analisarmos estes poemas constatarmos que ambos os poetas, J. Barbosa e A.Cabral retratam de forma directa a vinda da chuva um «A.Cabral), presencia a chuva e chama a «*mamãe-velha*» para assistir com ele a chegada da chuva o outro (J. Barbosa), está a espera que a chuva passe para ir ver a beleza da natureza regada, resultante da queda da chuva e a ceder ao convite do amor extensivo nessa alegria, provocada pela vinda da chuva. Tendo como elemento comum a «*chegada das chuvas*» e a condição de ambos de ilhéus sequiosos, podemos inferir que existem relação de proximidade destes dois poemas e a realidade neles inscritas. Visto que, a chuva é motivo de alegria para o cabo-verdiano.

Trata-se de uma dimensão cósmica ou seja ultrapassa o ser, vai a natureza (isto é, não só as pessoas ficam alegres com a vinda da chuva mas também a própria natureza). E nesse sentido que analisando estes dois poemas podemos verificar que neles se afirma a intertextualidade de um mais antigo «*Depois da chuva*» para o outro ou sobre o outro «*Regresso*».

A palavra-chave o sema, «*chuva*», orienta o pensamento dos dois poetas, ambos falam da chuva enquanto que Cabral convida a «*mamãe velha*» para ir com ele ouvir o bater da chuva J. Barbosa diz que «*quando a chuva passar hei-de ir ao cutelo para ver o cenário soberbo que a terra tem ...para te surpreender nesse à-vontade adorável...*».

Os poemas são de certa forma dominados pela figura feminina de que a própria

chuva em última análise simbolizará esse feminino alargado.

Podemos remeter «*Depois da chuva*» de Jorge Barbosa, ao momento em que espera que a chuva passe para poder visitar a amada, enquanto que no poema de A.Cabral ou seja «*Durante a chuva*» convida a «*mamãe-velha*» para ir com ele assistir a chuva.

A dimensão do tempo nos dois poemas pode ser visto como uma «urgência» na «realização do presente».

Enquanto que Jorge Barbosa deixa que a natureza obre tudo e depois irá contemplar a natureza, um futuro a prolongar-se «*quando a chuva passar hei-de ir ao cimo do cutelo ...hei-de chegar a tua casa também que fica no alto...*» a construção é feita sobre a forma perifrástica com o futuro, Amílcar Cabral não espera a chuva passar mais sim, chama a «*mamãe velha*» para vir ouvir a chuva: «*mamãe velha venha ouvir comigo o bater da chuva lá no seu portão*», aqui a construção é feita sobre a forma de imperativo e apelativo e num tempo presente, pois há uma certa urgência, antes que se dissipe o momento mágico do «bater da chuva».

Citaremos os dois poemas:

JORGE BARBOSA	AMILCAR CABRAL
DEPOIS DA CHUVA Quando a chuva passar Hei-de ir ao cimo do Cutelo Para ver o cenário soberbo que a terra tem E sentir no cheiro húmido da terra encharcada. Hei-de chegar à tua casa também Que ali fica No alto, Para te surpreender nesse à-vontade adorável:	REGRESSO Mamãe velha, venha ouvir comigo O bater da chuva lá no seu portão É um bater de amigo Que vibra dentro do meu coração. A chuva amiga, Mamãe velha, a chuva, Que há tanto tempo não batia assim. Ouvi dizer que a cidade velha, - A ilha toda Em poucos dias já virou jardim...

<p>A saia de chita curta, As pernas quási ao léu, De um recorte musculoso e de um ritmo ginástico, A blusa e os teus cabelos molhados ainda Da chuva que apanhaste nas voltas pelo quintal... Falarei a teu pai do milharal, Das plantações, - banais motivos afinal Que me demorem mais ao pé de ti... Antes de me afastar Pedir-te-ei intencionalmente um copo de água, Apenas para te dizer Alguma coisa também, E para te ver Descalça a apresada Na marcha firme dos teus passos, Com o copo sustido Em equilíbrio Num pratinho de louça colorido...</p>	<p>Dizem que o campo se cobriu de verde Da cor mais bela, porque é a cor da esperança Que a terra, agora, é mesmo Cabo verde - É a tempestade que virou bonança... Venha comigo, mamãe velha, velha, Recobre a força e chegue-se ao portão A chuva amiga já falou mantenha E bate dentro do meu coração!</p>
---	---

Na sequência da procura dessa intertextualidade poética «claridosa» em A.Cabral ilustraremos com dois poemas:

JORGE BARBOSA	AMILCAR CABRAL
Irmão	Segue o teu rumo irmão
<p>Cruzaste Mares Na aventura da pesca da baleia, Nessas viagens para a América De onde às vezes os navios não voltam mais.</p> <p>Tens as mãos calorosas de puxar As enxárcias dos barquinhos no mar alto; Viveste horas de expectativas cruciais Na luta com as tempestades; Aborrece-te esse tédio marítimo Das longas calmarias intermináveis.</p> <p>Sob o calor infernal das fornalhas Alimentaste de carvão as caldeiras dos vapores, Em tempo de paz Em tempo de guerra</p> <p>E amaste com o ímpeto sensual da nossa gente As mulheres nos países estrangeiros!</p> <p>Em terra Nestas pobres Ilhas nossas És o homem enxada</p>	<p>Para além dos montes que sangram Há planície sem fim onde reina a vida, Da terra redimida Libertada Brota em flores perfumadas O saboroso pão</p> <p>Segue o teu rumo irmão: Para além dos horizontes desbotados Há horizontes mil plenos de luz -de luz e de calor Os homens redimidos Irmanados Não vivem já a vida de inimigos Mas sim em pleno Amor.</p> <p>Segue o teu rumo irmão: Para além de um sol já velho defraudado Há um puro sol cruzado os infinito De crianças – crianças Vivificando a vida São hinos celestiais o rir dos pequenitos Que a dor e a fome e o frio não maculam Na estrada matizada de esperanças.</p> <p>Segue o teu rumo irmão:</p>

<p>Abrindo levadas à água das ribeiras férteis, Cavando a terra seca Nas regiões ingratas Onde às vezes a chuva mal chega Onde às vezes a estiagem é uma aflição E um cenário trágico de fome!</p> <p>Leva aos teus bailes A tua Melancolia No fundo da tua alegria Quando acompanhas as Mornas com as posturas Graves do violão Ou apertadas ao som da música crioula As mulheres amoráveis contra o peito...</p> <p>A morna Parece que é o eco em tua alma Da voz do Mar E da nostalgia das terras mais a longe Que o Mar te convida, O eco Da voz da chuva desejada, O eco Da voz interior de nós todos, Da voz da nossa tragédia sem eco!</p> <p>A morna... Tem de ti e das coisas que nos rodeiam A expressão da nossa humildade</p>	<p>Para além dos ventos rudes tempestuosos Há brisas calmas doces cariciosas E o mar não causa donos. Não há rumos incertos nem horas dolorosas E o homem redimido É piloto consciente na viagem de conquistas No sacro Mar-Oceano de homens mais humanos:</p> <p>(ouve-me a voz irmão Para além das palavras de um verso Há cantos que são poemas há poemas que são vida - e que eu não sei compor)</p> <p>Segue o teu rumo irmão: Na luta desigual escreverás teu poema E deixarás ao mundo ao universo A obra de um Amor: - Que amanhã na planície conquistada Da terra redimida Libertada Os homens irmanados colherão O saboroso Pão.</p>
---	---

A expressão passiva do nosso drama,
Da nossa revolta,
 Da nossa revolta silenciosa revolta
melancólica!
A América
A América acabou-se para ti...
Fechou as portas à tua expansão!

Essas Aventuras pelos Oceanos
Já não existem
Existem apenas
Nas histórias que contam do passado,
Com, o canhoto atravessado a boca
E risos alegres
Que não chegam a esconder
 A tua
 Melancolia...

O teu destino
O teu destino
Sei lá!
Viver sempre vergado sobre a terra,
A nossa terra,
 Pobre
 Ingrata
 Querida!

Ser levado talvez um dia
Na obra alta de alguma estiagem!
Como um desses barquinhos nossos
Que andam pelas Ilhas
E o Oceano acaba também por levar um

dia! Outro fim qualquer Humilde Anónimo... Ó cabo-verdiano humilde Anónimo - meu irmão	
--	--

Aqui, nos dois poemas transcritos, a intertextualidade de J. Barbosa é muito nítida, embora salvaguardada a originalidade, também aqui, criativa dos dois poetas.

O leitor confronta-se nos dois poemas com o mesmo interlocutor do sujeito poético: «irmão». É ele o sujeito/objecto ou, a causa e o efeito da inquietação dos dois poemas. Em ambos este «cabo-verdiano/ Anónimo / – meu irmão» terá de sair da ilha, terá de cumprir algum destino, fazendo a viagem iniciática e libertadora que só o grande oceano e o mundo além das ilhas lhe proporcionam. Tudo isto terá de ser realizado a custo de grandes privações, sofrimento e até de muita aventura. Na composição de Jorge Barbosa já se efectivou tudo isso. Nos versos de A. Cabral tudo ainda por acontecer e uma vez realizado o «irmão» colherá os frutos da sua saga.

É visível que a composição poética de Jorge Barbosa «Irmão» remete alguma busca no poema «Segue o teu rumo Irmão» de Amílcar Cabral.

Ao analisarmos estes dois poemas podemos verificar que os poetas, tanto um, como o outro, retratam o «irmão» numa espécie de viagem, numa espécie de aventura que dir-se-ia obrigatórios, pois só assim traçaria o seu rumo e o seu destino, por meio de pluridiscursividade, conseguida nesse percorrer o mundo em busca de melhor entendimento da vida madrastra. Uma experiência feita à custa de grandes privações, mas que finalmente lhe abrirá (ao «irmão») os olhos.

Em ambos os poemas temos uma viagem iniciática, ou seja, uma iniciação para a vida plena.

Se levarmos em conta que ambos professam a linha literário realista ou melhor neo-realista podemos inferir que existe também aqui relações de proximidade entre estes dois poemas.

Para além de os seus autores serem beneficiários e tributários de uma mesma instância cultural, constroem os seus textos poéticos que são baseados nesta mesma realidade social e cultural de que se compõe as Ilhas.

No entanto fazíamos uma pequena ressalva chamando a atenção para uma simbologia nova no poema do Amílcar Cabral a que apela o homem cabo-verdiano para a liberdade e não a resignação mas antes, para uma mudança profunda.

Marcas que nos mostram a chamada à liberdade: «*para além dos montes que sangram há planície sem fim onde reina a vida, da terra redimida libertada brota em flores perfumadas...*», marcas que nos mostra a resignação «*não há rumos incertos nem horas dolorosas e o Homem redimido é piloto consciente na viagem de conquistas no sacro Mar – oceano de Homens mais humanos*»

No fim, temos as marcas dessa mudança agora, feitas pelo poeta em relação a J. Barbosa «*que amanhã na planície conquistada da terra conquistada da terra redimida libertada os Homens irmanados colherão o saboroso Pão*».

Nesta tentativa de análise comparada, o quadro que a seguir se apresenta colocou lado a lado dois poemas de Jorge Barbosa e de A.Cabral em que supõe ter havido algum símbolo da mulher africana.

Tratar-se-ia na realidade de uma fonte, de uma intertextualidade que influenciou o modo de fazer poesia de Amílcar Cabral?

Nota-se que em ambos a figura feminina, é a protagonista ou seja, a musa inspiradora em Jorge Barbosa é a «*Pretinha*» e em Cabral é a «*Rosa*». Ambos ainda a designam de «preta» enquanto que um no grau normal o outro no grau diminutivo. Em ambos está patente a esperança. Em J. Barbosa, quando a chuva cair o amor será para ele e para a «*Pretinha dos Picos*», em Cabral se houver uma mudança profunda da condição de vida da Rosa ou ainda, se a chuva cair poderá acontecer alguma longevidade e beleza na Rosa, na medida em que a chuva rejuvenesce tudo.Com a chuva tudo se torna viçoso, esperançoso e as condições de vida irão melhorar.

Ainda em Jorge Barbosa esta interferência da chuva irá provocar um espectáculo da natureza, pois que a terra iria desfrutar e beneficiar do seu «banho purificador» e fertilizante. Podemos notar que a beleza da natureza revigorada atingiria o sujeito poético e a própria «*Pretinha*», predispondo-os para o amor. E em Cabral se houver interferência da chuva a «*preta formosa*» continuará «*Rosa*», e não se tornaria uma negra sofredora e resignada.

JORGE BARBOSA	AMILCAR CABRAL
PRETINHA DOS PICOS	ROSA
<p>Agora não, Pretinha Quando a chuva cair E os frutos cobrirem os campos de fartura Então, sim, O amor será comigo, Assim esfarrapada</p>	<p>Chamam-te Rosa, minha preta formosa E na tua negrura Teus dentes se mostram sorrindo Teu corpo baloiça, caminhas dançando, Minha preta formosa, lasciva e ridente Vais cheia de vida, vais cheia d'esperança, Em teu corpo correndo a seiva da vida, Tuas carnes gritando</p>

<p>Escanzelada e faminta O amor não é contigo.</p> <p>Pretinha dos picos Quando a chuva cair, Tudo será bom depois</p> <p>Pretinha dos Picos Quando a chuva cair, não mais perspectiva do alisamento e do êxodo Para São Tomé, ilha longa e sombria do golfo da Guiné Não mais, pretinha, a tua cão estendida, humilde pelos caminhos</p> <p>Pretinha dos Picos Quando a chuva cair O amor será contigo, Pretinha dos Picos.</p>	<p>E Teus lábios sorrindo...</p> <p>Mas temo a tua sorte na vida que vives, Na vida que temos...</p> <p>Amanhã terás filhos, minha preta formosa E varizes nas pernas e dores no copo; Minha preta formosa, já não serás rosa, Serás uma negra sem vida e sofrente, Serás uma negra e eu temo a tua sorte.</p> <p>Minha preta formosa Não temo a tua sorte. Que a vida que vivemos não tarde a findar...</p> <p>Minha preta formosa amanhã terás filhos, Mas também... ...amanha terás vida!</p>
--	--

CAPITULO – III

- DIFERENTES VISÕES SOBRE O AUTOR

- POEMAS DEDICADO AO AUTOR

III – VISÃO DE ALGUNS INTELLECTUAIS E POETAS SOBRE: AMÍLCAR CABRAL

Para muita gente Cabral foi um grande revolucionário, um guerreiro, um militar da liberdade da África, um chefe de um partido, um doutrinador político.

Contudo, para além destes aspectos que moldaram a sua vida, Cabral terá sido igualmente um pensador profundo, uma espécie de idealista também sem deixar de ser um conhecedor das gentes e da terra. Para além disso, ele veio acrescentar, no dizer de alguns estudiosos: *«algo de significativo a teoria e à prática das chamadas ciências sociais e humanas, especialmente na sua aplicação as situações concretas socio-políticas da África»*.

Segundo Gerald Moser: *«para alguns dos seus condiscípulos ou companheiros mais chegados no grupo de estudantes africanos conhecia até recentemente que este homem de acção era também um poeta»*.

Ainda segundo Gerald Moser, *«Amílcar merece, contudo, ser chamado como um dos vários líderes africanos contemporâneos com veia poética, Senghor, Marcelino dos Santos em Moçambique, Neto em Angola e Lumumba no Zaire. Eles dão provas de que a pena do poeta pode ser manejada pelas mesmas mãos que empunham a espingarda do revolucionário: assim nos dias da renascença outros homens ora tomaram a espada, ora se serviram da pena»*.

Segundo Leopold Sédar Senghor *“Amílcar Cabral não era ainda só um homem de cultura mais ainda um homem lúcido e de medida, mestiço no sentido mais nobre da palavra. Ele sabia e dizia que a verdade não era dada antes de tudo, ela nascia do diálogo, isto é, da confrontação, melhor ainda, da simbiose entre ideias e temas opostos. Entre cultura e a política poesia e a ciência, a teoria e a acção, o combate pela descolonização e a luta pela civilização do universal, criadora entre as duas formas de actividade»*.¹⁶

Oswaldo Osório afirma que *«Amílcar Cabral foi um engenheiro agrónomo distinto, celebrado, mais tarde como ideólogo, político, diplomata, líder revolucionário prestigioso e fundador de duas nacionalidades, e que não voou tão alto na poesia; porém, o seu talento poético, matriz do humanismo orientador de suas actividades, palpita na selecção*

que se segue reúne, pela primeira vez, um razoável número de poemas, além de, na primeira parte, se dar a conhecer outros, que por razões atrás aduzidas não foram seleccionados»¹⁷.

Seguindo Mário Fonseca: «*Amílcar Cabral não fez estudos formais de ciência e economia política, tampouco de sociologia e antropologia, de relações internacionais e ciências ou artes militares, todavia brilhou em todas essas áreas, afirmando-se ainda como brilhante pensador político-filosófico*».

«Tendo vivido menos de meio século, e tido pouco tempo livre para se ilustrar enquanto autodidacta».

«A sua vida e a sua trágica e heróica morte encerram diversos mistérios, que talvez nunca venham a ser desvendados, e que solicitam e estimulam novas Investigações».

Ainda de acordo com M. Fonseca: «*o académico norte-americano, Gerald Moser, e o poeta cabo verdiano Osvaldo Osório ambos seus sinceros admiradores há uma área na qual se ensaiou com pouco eficiência, não obstante ter manifestado numa carta a mãe cuja frescura de Cabral lhe impressiona, o seu alto apreço às musas, a poesia, sendo muita curiosa tal situação já que nunca em nenhum outro momento, salvo erro esta inimitável figura africana internacional do século XX terá declarado “expert” em qualquer das muitas áreas em que brilhou, incluindo a agronomia em que efectivamente, o foi mas sem alardes pois não era dado a exaltação de si próprio, ocupado que sempre esteve em promover os outros*».

Eis o resumo de uma carta que Cabral escreveu a mãe: «*Querida mãe, aguenta um pouco, depois de eu tirar o curso e me tornar um poeta famoso ou um agrónomo então, tu e as irmãzinhas viveremos juntos, e a partir daí poderás descansar*». Tanto M. Fonseca como o jornalista e escritor russo Oleg Ignatiev, um dos seus biógrafos e amigo pessoal que com ele (Cabral) conviveram, afirmaram que esta carta teria sido escrito em princípios de 1938, aos 14 anos de idade.

Mário Fonseca diz-nos que: «*Amílcar Cabral homem inteligente e sensível, cuja matriz cultural euro-africana se formou em Cabo Verde e se confirmou em Portugal e na*

¹⁶ Continuar Cabral, simpósio internacional Amílcar Cabral Cabo verde, 17 a 20 de Janeiro de 1988 pag-25.

¹⁷ Osvaldo Osório, emergência da poesia em Amílcar Cabral, 30 poemas pag-45)

Europa não podia não saber a dimensão a que pode aceder e acede um grande poeta».

No entanto, tendo o gosto da poesia, a sua vida trepidante sobretudo a partir do momento em que a programou, por assim dizer, ao serviço da África e da humanidade, o que fica expresso numa sua correspondência de Janeiro de 1949, ele tinha então 24 anos vivido intensamente a vida e dela o recebe experiências, ao afirmar «*vivo intensamente a vida e dela recebo experiências que me dão uma determinada direcção, uma vida que devo seguir, não importa, as perdas por isso exijo de mim, eis a minha razão de ser na vida não lhe vai permitir ter a disponibilidade e o lazer propícios á poesia que é uma amante exigente e possessivo e até exclusivo, como aconteceu em conhecimento casos de poetas Baudelaire e Pessoa entre outras muito embora alguns tenham conseguido faze-la conviver com outras actividades, como a política ou outras, mas vivendo longas vidas*»¹⁸

Segundo Aristides Perreira «*Cabral teve um sentimento de protesto, nascido da inadequação dos valores culturais próprias ás situações de opressão e discriminação (...), conduziu a emergência da revolta que se afirmaria como traço distintivo da sua personalidade e factor de formação de revolucionário consequentemente em que se tornou. Ainda na juventude, estes valores e este espírito traduziram-se em formas de expressão que vão de incursões no campo da literatura á intensa actividade de divulgação cultural! É uma produção literária, quer em verso quer no domínio da ficção, a traduzir um engajamento com a realidade circundante é a preocupação do estudante de agronomia a debruçar-se na área da especialidade, sobre o fenómeno da erosão*»¹⁹

Nas palavras de Xosé Lois Garcia: «*Amílcar Cabral estudou agronomia em Lisboa (1945), licenciando-se em 1951. Em estadia na metrópole formou parte de CEI (Casa dos Estudantes do Império). É aqui onde se reafirma como nacionalista africano. Os seus trabalhos de juventude sobre a literatura cabo verdiana e os seus versos o confirmam*

¹⁸ Fonseca Mário, Expresso das Ilhas, (13-2-09).

¹⁹ O perfil de Cabral e a actualidade do seu pensamento in: Continuar Cabral simpósio internacional Amílcar Cabral.

como poeta e intelectual de alto nível»²⁰.

De acordo com Corsino Tolentino: «*Amílcar Cabral começou a manifestar as suas preocupações políticas e sociais através da poesia e da ficção, essas eram as vias de expressão das primeiras inquietações do patriota em gestação, mas foi em Portugal, onde foi estudar agronomia, certamente influenciada pelo meio físico e social, que a cultura apareceu como simbiose do homem e da lírica, ambos recusando a assimilação colonial para afirmar a cabo verdianidade no contexto africano, Leopold Sédar Senghor sublinha essa evolução de Amílcar Cabral citando verso seus de um poema publicado, segundo Mário de Andrade em 1946:*

„, Não poesia
Não te escondas nas grutas do meu ser
Quebra as grades invisíveis da minha prisão
Abre de par em par as portas do meu se,,
...E tu poesia, tu és também um homem

Por fim Russell diz-nos que: «*era natural (...) que com a morte do famoso estadista e intelectual africano, biógrafos e outros investigariam todas as facetas pertinentes da vida pública e particular de Amílcar Cabral. Deste modo, a revelação mais ampla de Cabral o poeta, além de ser uma homenagem ao herói martirizado, faz parte da restituição da história de Cabo Verde*».

Para finalizar acrescentaria, questionando se foi a poesia, a busca dessa essência vital que o tornou guerrilheiro ou, se terá sido a sua faceta de nacionalista e patriota inquieto que terão despertado nele a sua veia poética.

²⁰ Amílcar Cabral Nacionalismo e Cultura, Edição de Xosé Lois Garcia1999).

Para esta III parte escolhemos quatro poemas de autores diferentes e que consideramos ilustrativos da homenagem e da exaltação da memória de A. Cabral. Note-se que em quase todos os poemas há um certo lamento pela “orfandade” sentida com a morte do líder.

A nossa selecção distinguiu os poetas cabo-verdianos Tacalhe, Kaoberdiano Dambará, o poeta guineense Agnelo Regala e a poetisa São-Tomense Alda Espírito Santo. Todos «irmanados» em versos de exaltação e de glorificação à figura de Amílcar Cabral.

4.1- Poemas Dedicados a Amílcar Cabral

Tacalhe (pseudónimo de Alírio Vicente)

Canto alegre para Amílcar Cabral

Amílcar, Amílcar
É das entranhas das nossas rochas
Que o grito ressoa
Amílcar, a Amílcar
E dos lábios brancos das nossas ondas
Que o grito ressoa
Amílcar. amílcar
É de dez bocas unidos
Que a canção volatiliza

Amílcar, Amílcar
É de dez bocas unidos
Que a canção volatiliza

Ontem,
A Guiné inteira
Hoje Cabo Verde inteiro

Amanhã
Talvez a África toda
E quem sabe se depois
O mundo inteiro
Não guardará o canteiro
Da criança – flor dormindo

Para que o mundo caminhe sorrindo
Amílcar, Amílcar
Teu nome era pão

Tua sombra era tecto
Tua palavra era paz
Tecida como um manto
Para cobrir todos os homens.

Kaoberdiano Dambará

Amílcar Cabral
Amigo grandi, difju'l nôs pô bo,
Lêba si korpo ko suntumento,
Cuda, na bo passo fi'mi,
Aima grândi sima céu,
Rinkado ko dor, di nôs peto.
Canto no ôbi, no ka cêta:
Anôs nôs sorti ê spantado,
Bentu ki passa na sono,
Riba'l kórda'l nôs bida,
Anti kôrda, djê passa,
Liberdade ê kaminho kê dexano!

Agnello Regalla

Camarada Amílcar
No chão vermelho
Do teu sangue camarada,
Caem como gotas de orvalho,
As lágrimas sinceras
Da dedicação.
As flores da nossa luta
Que tu com carinho plantaste, estão a desabrochar
Em gargalhadas infantis
Descansa que não secarão.
Serão sempre regadas
Com o nosso suor e sangue
Serão sempre alimentadas
Pela força da nossa vontade.
E serão camarada Amílcar,
Serão livres... livres....
Livres como as gargalhadas
Que soltam,
Livres como o sol do nosso hino,
Livres como o vento que defrauda
A Nossa bandeira,
Livres como a liberdade com que sonhaste.
É assim camarada,
É assim...
Uns chegam ao fim,
Mas outros ficam pelo caminho
Não por desfalecimento,
Mas pelo seu valor e coragem.
E dentre todos, os mais felizes,
Serão os que conseguirem plantar
No canteiro livre

Da Guiné e Cabo Verde.

Alda do Espírito Santo
Requiem para Amílcar Cabral

Chora terra bem – amada
O teu filho bem – amado
Morto fisicamente por balas assassinas.

Guevara de África
Te baptizaram
Dias antes
Da cilada trágica.
Na historia da terra africana.
Teu nome ímpar
Apontará aos filhos
 Do país natal
A dignidade da tua vida
Cimentada com teu sangue
Cimentada com o sacrifício da existência inteira
A esperança do futuro
Duma terra sem madrasta.
As páginas do porvir
Contarão ao mundo
A força da tua personalidade
 Dinâmica
Ao serviço da tua inteligência
Canalizada
Para os arrozais
Da parcela
Do golfo enquistado
Onde a Mãe Iva

Te doou á terra

Não chores Mãe Iva.

A terra de África inteira

De pé

A teu lado

Saúda a figura gigante

Do grande líder

Da África ocidental

«terra Bem - Amada»

O sangue do herói

Será transfusão

Nos anis da tua História.

Na nossa opinião, os poemas escolhidos revelam em elevado grau, o simbolismo e a representação que tiveram as palavras e a acção de Amílcar Cabral nos poetas que assim o homenagearam como elo mais forte de libertação do homem africano.

Mas não deixa de ser interessante reparar que a homenagem prestada por outros poetas não foi ao poeta, inter-pares, A. Cabral. Não, foi antes ao guerrilheiro e líder combatente A. Cabral.

CAPITULO – IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois do que fica dito, parece-nos que é possível tirar algumas conclusões sobre a vertente literária em Amílcar Cabral.

Em primeiro lugar, no período que correspondeu à sua adolescência ele compôs poemas e nesses versos já retratava o homem cabo-verdiano. Em alguns poemas dessa data, encorajava o seu interlocutor poético: “meu irmão” a seguir em frente, a seguir o seu destino.

Daí que se possa afirmar que de alguma maneira nasceu cedo em Amílcar Cabral o gosto pela poesia ou, mais alargadamente, o gosto pela Literatura.

De tal modo assim é que em 1949, nos seus «Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana» mostra de uma forma que nos parece inequívoca qual é o seu olhar e a sua análise sobre a produção literária cabo-verdiana, em que o destaque vai sem titubear e sem hesitar para Claridade.

Em segundo lugar, na óptica de A. Cabral foi a partir de Claridade é que a poesia cabo verdiana “abriu os olhos,” e descobriu-se a si própria. A Claridade surgiu com a finalidade de dar forma a coisas reais, as quais tinham a ver com a vivência das ilhas, a erosão das suas rochas, as rochas escalvadas, o mar, o povo a debater-se nas crises, a luta do cabo – verdiano, para afastar o espectro da fome. Enfim, a terra e o povo.

«Cabo Verde não é o sonhado jardim hesperitano, mas, sim o “arquipélago” e o “ambiente” onde as árvores morrem de sede, os homens de fome, e a esperança nunca morre, o mar já não tem sereias, nem às ondas beijam a praia. O mar é a estrada da libertação e de saudade, e o marulhar das vagas é a tentação constante a lembrança permanente do “desespero de querer partir e ter de ficar”, a terra mártir” é a mamã que “alimenta” os filhos “com a ternura das suas entranhas “; que não morreu mas jaz adormecida».

Mais salienta que *«a poesia cabo-verdiana, como qualquer outra, só poderá ser compreendida, se considerada em relação ao ambiente material e humano, vivido pelo poeta.»*

Em terceiro lugar, após a leitura e a compreensão dos textos escritos por A. Cabral ficámos cientes e intuídos do seu gosto e do saber do autor em relação à poderosa influência e mensagem que a produção literária podia fornecer à consciencialização do

cabo-verdiano. E isto também se pode verificar na leitura de versos seus desde bem jovem até à idade adulta.

Por último e afinal é ele próprio quem nos confirma esse seu gosto profundo pela poesia através do seguinte: em determinada altura da sua vida enquanto jovem terá confessado a familiares que o que ele queria ser na vida era: «um bom engenheiro agrónomo ou um grande poeta!»

Como prova apresenta um resumo de uma carta que ele escreveu a sua mãe: Eis o resumo da carta «*Querida mãe, aguenta um pouco, depois de eu tirar o curso e me tornar um poeta famoso ou um agrónomo então, tu e as irmãs viveremos juntos, e a partir daí poderás descansar*». ²¹

De um ponto de vista meramente especulativo, questiona-se se o “destino” poético de Cabral seria outro se à época em que ele compôs, não houvessem já afirmado os grandes poetas saídos da Claridade? Certamente que os que se seguiram imediatamente à geração dos Claridosos correram sempre esse risco de parecerem de uma maneira geral, “poetas menores”. Terá sido o caso de A. Cabral?

Se é certo que vicissitudes da vida fizeram-no historicamente ser mais conhecido na sua vertente de líder combatente; não menos verdade que não fica “escondida” para quem esteja interessado o lado poético deste autor.

Reportando de novo e citando uma vez mais as próprias palavras de Cabral na tal carta escrita à mãe, ele afirmava que o grande desejo dele era ser «um bom Agrónomo e um poeta famoso».

Afinal, desvios conscientes da vida não o fizeram nem uma coisa, nem outra. O que dele ficou realmente para a História é o seu perfil de grande estratega político-militar.

De qualquer forma, valeu a pena trazer ao de cima a vertente poética de Cabral que a seu tempo e a seu modo soube expressar em versos as inquietações da época em que viveu.

²¹ Fonseca Mário, Expresso das Ilhas, (13-2-09).

CAPITULO – V
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ANDRADE, Mário e FRANÇA, Arnaldo «A cultura na problemática da libertação nacional e do desenvolvimento, á luz do pensamento político da Amílcar Cabral», Raízes, pp.3-19 Praia, Janeiro 1977.
- ANDRADE, Mário, «Antologia temática de poesia africana 2,o canto armado», Lisboa 1979
- Antologia poética da Guiné-Bissau, Editorial Inquérito, 1990
- Amílcar Cabral Nacionalismo e Cultura, Edição de Xosé Lois Garcia, 1999
- Arquivo Amílcar Cabral, Facultada pela Fundação A. Cabral. Setembro de 2005
- DAVIDSON, Basil, «Amílcar Cabral, prefacio da revolução Africana», Paris, le serril, 1969.
- LIMA, Mesquitela «Amílcar Cabral e a Cultura» Raízes, nº 7/16 Julho-78/Dezembro 1980 ano 4.
- IGNATIEV, Oleg, «Amílcar Cabral filho de África», Lisboa, 1975.
- IGNATIEV, Oleg «Amílcar Cabral, filho de África», narração biográfica, traduzido por hudson C. Lacerda (Lisboa, prelo Edª 1976). P.9
- IGNATIEV, Oleg «Amílcar Cabral» edições progresso Moscovo, 1984
- IGNATIEV, Oleg «Amílcar Cabral, Patriota, lutador, Humanista» edições da agencia de imprensa nóvosti Moscovo, 1990.

- MOSER, Gerald, «Amílcar Cabral, Poeta» Raízes, nº17/20 Janeiro a Dezembro 1981 ano 5.

- OSÓRIO, Oswaldo, «Emergência da poesia em Amílcar Cabral 30 poemas», Praia, grafedito 1980.

- Obras escolhidas de Amílcar Cabral, textos coordenados por Mário de Andrade «A arma da teoria» unidade e luta I, 2ª edição Seara Nova 1978.

- Panfleto Amílcar Cabral, alguns dados biográficos, extraído do texto «Apontamentos para uma cronologia de Amílcar Cabral», elaborado por Iva Cabral.

- Simpósio internacional Amílcar Cabral, «Continuar Cabral», Cabo Verde, 17 a 20 de Janeiro de 1983.